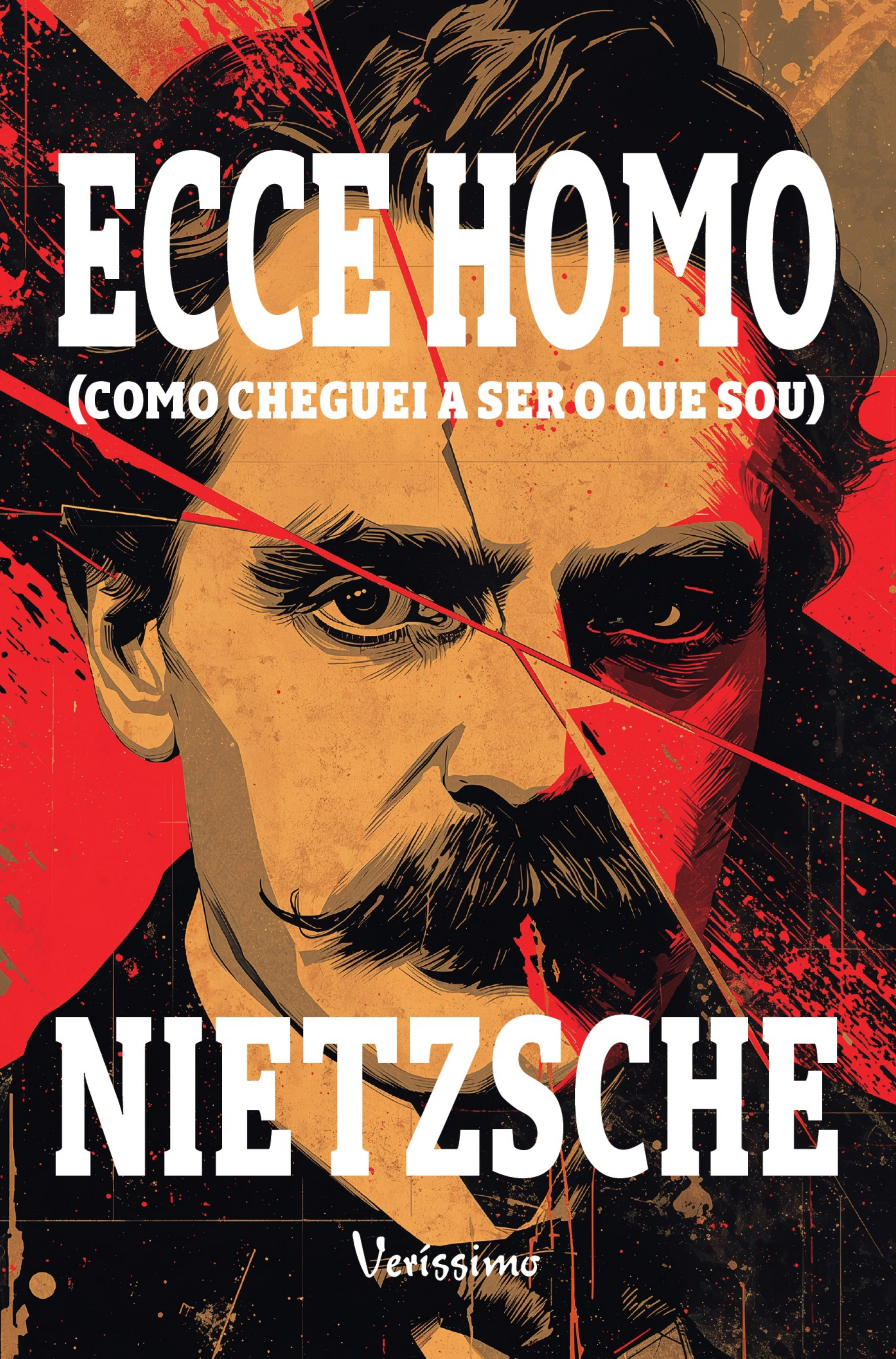




ECCE HOMO

(COMO CHEGUEI A SER O QUE SOU)

NIETZSCHE

Veríssimo

FRIEDRICH NIETZSCHE

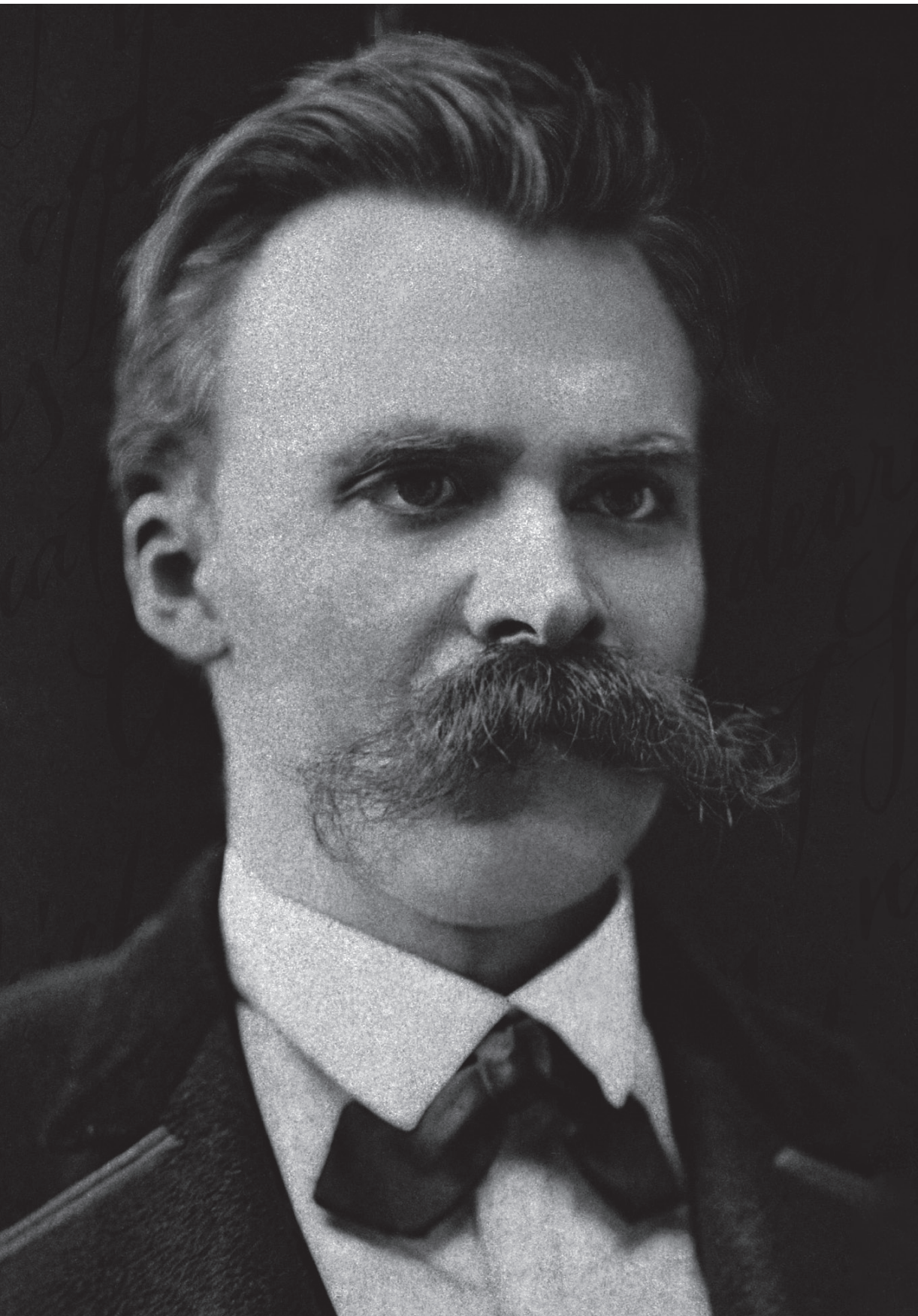
TRADUÇÃO

LOURIVAL DE QUEIROZ HENKEL

ECCE HOMO

(COMO CHEGUEI A SER O QUE SOU)

Veríssimo



INTRODUÇÃO

FOI A 15 DE OUTUBRO DE 1888, APÓS A ADMIRÁVEL FASE DE PRODUÇÃO de que saíram *O Caso Wagner*, *O Crepúsculo dos Ídolos*, *Ditirambos de Dionísio*, *O Anticristo* e *Nietzsche contra Wagner*, que o criador do *Zaratustra* tomou da pena para escrever o *Ecce Homo*.

Teve como derradeira preocupação intelectual narrar a gestação de toda a sua obra, livro por livro. Parecia que alguma coisa lhe falava ao âmago: o filósofo sentia uma necessidade indomável de contar ao público as passadas do seu “curriculum vitae”, antes de embrenhar-se na eterna noite do espírito. Três semanas após, a 4 de novembro de 1888, estava o livro terminado.

Cuidou Nietzsche da impressão imediata, com anseio que nunca experimentara em relação a qualquer dos seus escritos. É que essa confissão vale também como um desabafo. Através dela podemos conhecer intimamente a personalidade do “imoralista”, sem as lendas que falseiam a realidade em sua plenitude.

Aqui e acolá, nota-se, ao lado de lampejos geniais, a inconsistência da loucura. Todavia é o livro que melhor se enquadra como pórtico de toda a sua obra. As expressões nele registradas são dignas do anunciador do Super-homem, perfazendo cenas angustiantes dessa tragédia da agonia de um grande espírito.

A 3 de janeiro de 1889, Frederico Nietzsche enlouquecia abruptamente, em uma rua de Turim, sob o céu da sua doce Itália, vagando desconhecido entre a multidão indiferente que passava...

O pensador das alturas se projetava na voragem insondável de noite eterna. Possivelmente uma satisfação íntima dominou os últimos instantes da sua vida intelectual: a de ter encerrado o ciclo da obra prodigiosa com um livro, admirável em síntese, que é o retrospecto de sua alma criadora. Essa obra é o *Ecce Homo*, testamento que contém, a um tempo, exaltações e desânimos, valendo como esplendente espelho de uma vida genial e gloriosa.

O Super-homem do futuro voltava as vistas ao passado, analisando friamente todas as suas atitudes.

Percorrendo essas páginas, notamos o frisson de um declínio em que a mania de grandeza se enquadra à arrogância do anunciador do homem novo. Na última carta, dirigida à sua mãe, dizia: “O teu velho rebento é agora um animal enormemente célebre, embora não o seja, é claro, na Alemanha, cujos habitantes são demasiado estúpidos e vulgares ante a altura de meu espírito”. Sente-se satisfeito do seu renome internacional, que vai de S. Petersburgo a Paris, de Viena a Estocolmo, projetando-se a Nova York: “Não há nome que atualmente se pronuncie com mais admiração e veneração que o meu”. É a última satisfação consciente, até a morte, que lhe sobreveio em Weimar, a 25 de agosto de 1900.

* * *

A filosofia definitiva de Nietzsche, a que vai de 1881 a 1888, transborda de lirismo, realçando-se pelo seu caráter afirmativo. Aprazia-lhe ser o poeta desse novo mundo. O seu último canto é admirável, soando como profética aquela estrofe: — “Eu vejo um signo: das extremas imensidades uma constelação refluí, lenta e esplendente, para mim...” Era o sublime firmamento do Ser, repositório de visões eternas.

O *Ecce Homo* é confissão soberba, mas não oculta a fraqueza do grande forjador de parábolas. Envaidecia-o o título com que se batizara de inventor do ditirambo. Realmente, à sua arrogância se justifica, podendo ir bem além. Nietzsche falou uma linguagem nova, toda sua; o idioma de Lutero nunca encontrou tanta força de expressão, nem mesmo em Goethe ou em Heine. O Super-homem, nesse particular, pode se dedicar à sua expansão. A palavra de *Zaratustra* tem uma harmonia incomparável, superior às louçanias bíblicas mais arrebatadoras. Fica-lhe a dever o persa do *Zend’Avesta*; em recursos de dialética, o “imoralista” tem articulações que valem pelo seu extraordinário ineditismo. E uma festa esplêndida.

A moral utilitária e a moral cristã de renúncia se entrechocam a cada passo nas páginas nietzschianas, envolvendo e engastando os paradoxos mais sutis. Raras vezes passamos tão estranhamente de uma impressão a outra como nos seus aforismos, lanterna mágica que ostenta as maiores fulgurações aladínicas. O grande mago fez bem em fantasiar-se em oriental das mil e uma noites, porque nunca os nossos olhos viram pedras preciosas mais refulgentes do que as que estão encerradas nesses escrínios que são, além do *Zaratustra*, o *Humano, demasiado humano*, o *Viandante e sua Sombra*, o *Gaio Saber*, *Aurora*, *Além do bem e do mal* e o *Crepúsculo dos Ídolos*.

Armado com o pensamento e com a ação, vemo-lo investir resolutamente contra os preconceitos arraigados na alma das multidões, procurando criar novos valores. Serão esses apenas fantasmas? Difícil pergunta de responder-se; mas para ele não existem leis morais confinadas em dogmas ou deveres absolutos: a alegria ou a dor, a ilusão ou a verdade, as paixões boas ou más — tudo isso se concretiza na exaltação de sua energia, tornando a vida mais diversa, possante e bela.

Apresenta-se constantemente animado por uma cândida alegria, redobrada de exaltação quase infantil. São talvez os lamentos do “homem novo” nas suas articulações iniciais; e isso é humano, bem humano...

O Super-homem, na plenitude de sua titânica glorificação, deixa entrever inclemente satirização da sociedade moderna. Em todas as expressões concludentes de *Zaratustra*, temos presente uma visão antiga do Ocidente em declínio. Ruem, um a um, os edifícios cujos alicerces já não podem sustentar a mola dos convencionalismos obsoletos, que se multiplicam indefinidamente, como todos os flagelos. Nietzsche ri de tudo isso... Os autotorturadores perdem o melhor de seu tempo em tatuar-se com dragões desengonçados, lustrando-se com o batizar de “ismos” inconsistentes.

Aproxima-se a fase do Super-homem, anunciada pelo grande destruidor. Que se aproveitará do que existe? Qual a alavanca locomotora disso tudo?

“Emblema da necessidade! Cenário de visões eternas! — bem sabes o que todos odeiam, aquilo que só eu amo; como és eterna, como és necessária! O meu amor acende impulsionado somente pela Necessidade.”

Devemos reportar o nosso juízo às recordações pessoais da Dra. Elisabeth Förster-Nietzsche para saber quanto o filósofo impenitente odiava a equiparação democrática, signo de decadência: “O rebaixamento dos níveis mais altos a favor dos mais baixos não era tido por ele como um levantamento dos níveis baixos, mas sim como um decréscimo ainda maior destes”. É conclusiva a sua afirmativa acerca da missão do douto diante das massas: “Viva-se como se entender, precederemos eternamente à massa na qualidade de dirigentes; a massa se eleva ou se corrompe na proporção que nos elevamos ou nos corrompemos”.

* * *

A tentativa de Nietzsche para afastar dos preconceitos sociais modernos a maior parte da falsa moral desgastou o seu espírito. Os “escravos” tanto se afeiçoam a esse servilismo que tomam por bondade o que não passa de fraqueza. A sujeição passiva tem o nome de obediência; a miséria é uma distinção. Glorifica-se a impotência, a renúncia. Abjeção!

Entretanto, há quem atribua à própria fraqueza toda a filosofia do grande destruidor. Dominado pela moléstia que o conduziria à loucura, Nietzsche invejava os fortes. Colocando-se fora da esfera dos privilegiados, possuía a consciência da sua inferioridade. O que vive os lances conclusivos de uma trajetória dinâmica não encontra tempo e disposição para louvar-se a si próprio; é como que um inconsciente rodopiando na voragem do próprio sonho. Situando-se fora, a visão do observador encerra um conjunto panorâmico soberbo. O criador de Zaratustra, porém, via na sua contemplação aquilo que para o seu desejo fragmentado representava a utopia, o inatingível; o cansaço mal se esconde na sua fraseologia soberba, tesouro de inflexões imensuráveis.

O Super-homem não deve ser confrontado com a individualidade do seu criador. Admirável credo de potência, vesícula o evangelho do homem do porvir. Nietzsche tinha aspirações que se não continham no seu organismo lasso: “Nós, homens novos, inominados, temos necessidade de um escopo novo, uma nova saúde, mais lépida, aguda, tenaz, ousada e tranquila do que qualquer outra saúde”. O filósofo possuía a obsessão do mal que o dominava. Via tudo através desse prisma. Escultor do sonho, deu-nos as alíneas da carta de fé do homem novo.

Foi uma tragédia a gestação de sua obra: “De todo o escrito amo somente o que o homem reescreveu com o próprio sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito”. Todo o seu esforço, porém, se concentrou em ocultar a própria fraqueza.

No *Ecce Homo* temos a sua confissão. Talvez o pensador não se sentisse feliz se pudesse avaliar, mais tarde, pacientemente, as consequências que poderiam ter sobre a sua individualidade nesses períodos vertidos em meio da agonia do espírito... Turvou-se-lhe, porém, o entendimento. Nunca foi Nietzsche tão coerente consigo mesmo como nessas páginas. É a apoteose da loucura com soberbos repentes de serenidade. Impressionam esses contrastes. A sua autoexaltação tem uma relativa razão de ser; o filósofo possuía a consciência do próprio valor.

Vê-se como lhe causou incontida satisfação o admirável ensaio de Brandés, a mais conclusiva de todas as análises críticas sobre a sua obra, então ainda pouco conhecida, básico de toda a interpretação da obra nietzschiana.

O homem que ensinava ao coração humano uma vontade nova, pedia que fôssemos a nossa própria estrela, a nossa única lei e os vingadores dessa lei; queria que todo o espírito e toda a virtude inflammassem até a agonia, como o fogo do crepúsculo incendeia a terra.

Foi-lhe, porém, avaro o destino. Mergulhado nas trevas do atro inconsciente, não teve mais aspirações, não almejou o porvir tão fortemente anunciado; apenas

uma vez — diz ele a sua irmã Elisabeth, o mais estupendo dos exemplos de dedicação fraterna —, só de uma feita, entre marejar de lágrimas, articulou estas palavras: “Fomos tão felizes, não fomos?!”. Era o passado...

A *vontade de poder* (Wille zur Macht) resume todo o escopo da vida; mas a luta não se desencadeia para a vida; é a potencialidade que a congloba, ensimesmando-a. Toda energia deve repontar do corpo, simples repositório da vida, que não é somente a conservação do indivíduo, mas também a sua reprodução, valendo como agente a vontade. Mede-se a importância de uma progressão pela soma de sacrifícios por ela exigidos. O espírito devia estar perpetuamente livre.

Nota-se em sua obra uma prodigiosa sucessão de entusiasmos e de negações, o que se enquadra no seu sistema, porquanto a coragem e a sinceridade dessas atitudes, mesmo quando contraditórias, assentam na vontade de poder.

* * *

Nietzsche é a inteligência militante; exalta turvamente as visões claras. No *Ecce Homo* temos o retrato extremo do grande demolidor. O abuso da energia intelectual encontrava uma barreira intransponível na fragilidade de sua carcaça. A loucura, o estupor final dizem quem venceu; mas a obra aí está, monumento granítico, perene, revelador dos voos condoreiros do intelecto mais livre de um século a esta parte.

Sacudidor da velha árvore dos convencionalismos, comprazia-se em ver levados ao vento os sarmentos secos, consciente de que os frutos não mais se esborrachariam de encontro ao chão, porque a esterilidade nada sazona; quantas teorias newtonianas perdidas para os “sábios” hodiernos!...

Foi-lhe fácil a empreitada? Talvez sim e talvez não. A sua loucura, se algo prova, é a favor do filósofo. Sem aquela longa trajetória de uma enfermidade que o lançaria na morte após uma atrofia mental de mais de dez anos, teríamos apenas um sofrível professor, como são todos os professores; não aprenderíamos com ele a demolir as antigas metafísicas, edificadas sobre a abstração.

As suas ideias são liberais na plenitude da palavra. Em todas essas passadas descobrimos algo de novo; a lógica do criador de *Zarathustra* aligeira o espírito, dando ao intelecto uma facilidade de compreensão admirável.

Os indivíduos extremamente sensíveis, que têm necessidade de crenças consoladoras, não devem mergulhar o espírito na análise de sua obra; Nietzsche é o filósofo dos fortes e não dos débeis, daqueles que têm necessidade de sorver as pílulas do velho dogmatismo para iludir a razão com a miragem de um bem que se lhes afigura eterno.

Os devotos da consciência moral devem fugir desse filósofo, que se tinha em conta de um novo Cristo, salvador do mundo do Super-homem, anunciado

pelo seu evangelho sublime. Esse messias é o apóstolo de sua própria doutrina. Ante o homem, afirmava a nova arrebatadora, as fulgurações de sua visão radiosa. “Há — como diz Stirner — duas verdades: a minha e a tua, meu irmão.”

Tem sido hábito do filosofismo catedrático depreciar o grande mestre na sua obra. Reconhecem-no como pensador, como poeta, como escritor, como profeta, mas desprezam-no ou fingem desprezá-lo como criador de valores. Quanto aos alemães, após a leitura do *Ecce Homo*, veremos que há razões dessa atitude; quanto aos demais, é questão de tempo. O cristianismo, para se afirmar, também levou séculos...

As antigas pedras angulares da filosofia clássica sofreram sério abalo com o surgimento de Nietzsche; os poucos e verdadeiros pensadores que depois dele apareceram são unânimes em confessá-lo.

Que somos nós para Nietzsche: “O homem é um animal capaz de formular e de manter promessas”.

Na faculdade de prometer alguma coisa, de assumir uma responsabilidade há para o criador de *Zarathustra* nobreza verdadeira, pressupondo-se que essa faculdade de se empenhar dá ao homem o domínio diante das circunstâncias exteriores e sobre as outras criaturas, cuja vontade não encerra a persistência da sua. Por isso, denomina ele “consciência” o conhecimento que possui desta responsabilidade.

Defendendo a alegria de dominar, enfastia-se da vulgaridade e faz a apologia da força. Não há justiça ou injustiça por si mesma; o direito sempre será um estado de exceção, uma restrição imposta ao instinto essencialmente vital, cujo escopo é a faculdade de poder.

Para ele, o castigo apenas torna insensível e rude o homem que, pela ação justa, é impedido na faculdade de considerar a sua conduta como má diante da sociedade; a redenção do erro é uma virtude, mesmo quando inconsciente. O remorso é o estado profundamente doentio que se apossou do homem sob a pressão da mutação mais profunda que porventura haja experimentado e que se completou quando — ao sentido histórico — se viu definitivamente enclausurado na sociedade pacificada. O espírito de iniciativa, a temeridade, a astúcia, a avidez, o anseio dominador — todos esses instintos selvagens e fortes, que até então eram não apenas tolerados, mas francamente encorajados, foram abruptamente tidos em conta de perniciosos e pouco a pouco estigmatizados, como imorais e criminosos.

No âmbito desta introdução não podemos discorrer como quiséramos sobre a moral do “imoralista”, sendo-nos impossível juntar todas as inflexões que se nos deparam ao espírito.

Sobre a sua obra melhor falará o *Ecce Homo*, sendo, todavia, necessário levar em conta, na leitura, o estado de ânimo do grande pensador. Há períodos nesse livro que são um índice preciso de envolvente loucura, caracterizada em

fase inicial, valendo como extraordinário documento de morbidez psicológica incontrolável. É o ocaso do amador de crepúsculos.

O “desumanizador” da natureza podia, enfim, repousar; a ideia do “eterno regresso” encontrava uma forma afirmativa do anunciador de *Zarathustra*. Tudo passou a ser repetição nessa noite azeviche do espírito. Talvez, nos raros momentos de lucidez, voltejava em seu recôndito aquele verso rebrilhante de genialidade, consagrado no momento extremo, em fecho do seu canto “Glória e Eternidade” à sublime constelação do Ser: —“Eu sou eternamente a tua afirmação, porque te amo, ó, Eternidade!”

Era o resquício da derradeira manifestação na vontade de poder...

25 de agosto de 1936.

AFONSO BERTAGNOLI*

* É bastante conhecido no cenário editorial brasileiro, especialmente pelo seu trabalho com a tradução de clássicos da Filosofia. Ele desempenhou um papel crucial na popularização dessas obras em português. Além de traduzir, ele também revisou textos e escreveu prefácios para obras de filósofos renomados, contribuindo bastante para diferentes edições de referência.

PREFÁCIO

I

NA PREVISÃO DE QUE DENTRO DE POUCO TEMPO ME VEJA OBRIGADO A IMPOR À humanidade a mais dura exigência que até agora se lhe impôs, creio indispensável dizer-lhe antes **QUEM SOU EU**.

Na realidade pouca falta faria esta explicação, porque tenho dado testemunhos de sobra acerca de minha personalidade.

Entretanto, a desproporção entre a grandeza de minha alma e a PEQUENEZ dos meus contemporâneos se evidenciou no fato de que não fui ouvido, nem sequer compreendido.

Eu vivo do meu próprio crédito, e provavelmente é apenas um preconceito supor que eu ainda esteja vivo. Basta que eu fale com um homem “culto” qualquer, que tenha vindo veraneiar na Alta Engadina, para convencer-me de que NÃO estou vivo.

Assim, pois, há um dever imperioso contra o qual se revolta até no íntimo o hábito e, mais ainda, o orgulho dos meus instintos. Consiste este dever em proclamar:

— Ouvi-me! **EU SOU ALGUÉM E, SOBRETUDO, NÃO ME CONFUNDAIS COM QUALQUER OUTRO.**

II

Sem ser, por exemplo, uma espécie de bicho-papão, ou monstro moral, sou o contrário (por temperamento) dessa classe de indivíduos que até agora continua sendo venerada como modelo de virtude. Orgulho-me de seguir as doutrinas do filósofo Dionísio e preferiria mil vezes mais ser considerado como um sátiro do que como um santo. Por isso, quero que todo o mundo leia este livro; talvez eu tenha conseguido aqui exprimir tal contraste de modo benévolo e sereno, talvez não seja outra a minha intenção ao escrevê-lo.

A última coisa que EU prometeria seria esta: “melhorar” a humanidade. Não pretendo exigir novos ídolos; basta-me que os antigos aprendam comigo o que significa ter pés de barro.

DERRUBAR ídolos — e ao dizer ídolo suponho toda classe de ideais — esse é meu ofício. A realidade foi a tal ponto privada do seu valor, do seu significado, da sua sinceridade, na medida em que se inventou um mundo Ideal...

O “verdadeiro mundo” e o “mundo aparente”, ou seja, o mundo fictício e a Realidade.

A MENTIRA do Ideal foi até agora a maldição da Realidade; a própria humanidade, nesse ponto, foi mascarada e falseada até nos seus mais profundos instintos, até na adoração dos valores OPOSTOS àqueles que só poderiam garantir o seu florescimento, o futuro e o ALTO DIREITO ao porvir.

III

Quem souber respirar o ar que circula nos meus escritos saberá o que é a atmosfera das grandes alturas, onde o ar é mais puro e mais forte. É necessário ser dotado duma constituição orgânica toda especial para respirar esse oxigênio.

O gelo circunda-o; grande é a solidão — mas como repousam tranquilas as coisas em meio da luz! Vede como o peito respira amplamente e como são insignificantes todas as criações humanas que sentimos DEBAIXO de nós!

A filosofia, no sentido em que até agora me foi dado interpretá-la e vivê-la, é a vida livre entre o gelo, no cume das montanhas; é a pesquisa de tudo aquilo que há de estranho e de enigmático na existência, de tudo o que até agora escapava ao âmbito da moral. Por uma longa experiência adquirida neste divagar POR TERRITÓRIO PROIBIDO, aprendi a considerar as razões pelas quais se fez a moral e o idealismo, de modo bem diverso daquele que se poderia desejar; dessa forma me foi dado descobrir a história ÍNTIMA dos filósofos e a psicologia dos seus grandes nomes, que a integram e a ilustram.

Quanta verdade SUPORTA, de quanta verdade é CAPAZ um espírito? — foi esta para mim, cada vez mais, a medida exata dos valores. O erro — a fé no ideal — não é cegueira; o erro é COVARDIA... Toda conquista, todo passo articulado no domínio do conhecimento é UMA CONSEQUÊNCIA DIRETA da coragem, da autocrueldade implacável e da intransigência pessoal. Portanto, eu não refuto nenhum ideal; conformo-me em jogar as luvas aos seus pés.

NITIMUR IN VETITUM: sob este lema triunfará um dia a minha filosofia, porque até agora foi proibido, em princípio, tudo o que seja a verdade.

IV

Dentre toda a minha obra, *ZARATUSTRA* ocupa um lugar predileto. Com ele eu fiz à humanidade o mais valioso dos presentes que lhe seria dado fazer.

Esse livro, cuja voz triunfa e se propagará através dos séculos, não é somente o livro mais elevado que existe, o autêntico livro do ar das alturas — todo o fenômeno “Homem” se encontra a imensa distância DEBAIXO dele —; é também o livro mais PROFUNDO que haja surgido do seio mais íntimo da Verdade; é um poço inesgotável, no qual balde nenhum desce sem que volte transbordante de ouro e de bondade.

Não há nele a voz de “um profeta”, um desses seres horríveis híbridos de doenças e sede de poder, aos quais chamamos fundadores de religiões. Sobretudo é necessário SABER ENTENDER o tom que expelle esta boca, — tom alciónico — para não fazer mísera injustiça ao sentido da sua sabedoria. “As palavras mais ponderadas são as que trazem a tempestade; os pensamentos que vêm pelos pés de uma pomba governam o mundo.

“Os figos que caem da árvore são doces e bons; e, quando caem, arrebenta-se a sua pele avermelhada. Eu sou o vento do Levante que sacode e derruba os figos amadurecidos. Como figos, os meus ensinamentos caem entre vós, oh!, meus amigos; bebam agora do seu suco e da sua doce polpa! O outono nos circunda, o céu é severo, e a hora é a da tarde.”

Quem fala não é um fanático; aqui não se “prega”, aqui não se exige FÉ: de uma imensidade de luz, de uma profundidade de alegria infinita caem gota sobre gota, palavra sobre palavra; terna lentidão é o “tempo que regula estas palavras. Só os seletos chegam a tanto; não é pequeno o privilégio de poder ficar a escutá-lo; nem todos podem compreender Zaratustra... Zaratustra não é porventura um sedutor? Que diz ele quando regressa pela primeira vez à sua solidão? Precisamente o oposto daquilo que diria em semelhante como um “Sábio”, um “Santo”, um “Redentor” ou qualquer outro decadente... Não apenas fala diferente; também é diferente!

“Agora, eu irei sozinho: oh, meus discípulos! ide também vós, e sozinhos! Assim o quero.

“Ide para longe de mim e defendei-vos de Zaratustra! Melhor ainda; envergonhai-vos dele! Talvez ele vos tenha enganado...

“O homem que se inclina à consciência não só deve poder amar os seus inimigos, como também deve poder odiar os seus amigos.

“Retribui mal a um mestre quem sempre permanece apenas discípulo. Por que não arrançais louros da minha coroa?

“Eu sou venerado por vós: mas que seria de vós se o objeto da vossa veneração algum dia desmoronasse? Cuidado: não vos deixeis esmagar por uma estátua.

“Deveis ter fé em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois os meus crentes? Mas que importam todos os crentes do mundo?!

“Não tínheis ainda procurado vós mesmos; então, encontrastes a mim. Assim acontece com todos os crentes; por isso, a fé tem um valor tão insignificante...

“E, agora, eu vos ordeno que vos percais de mim, e encontrem a vós mesmos; e somente então, QUANDO TODOS VÓS ME TENHAIS RENEGADO, retornarei ao meio de vós...”

FRIEDRICH NIETZSCHE

Nesse dia perfeito em que tudo se sazona não é somente a uva que se doura... um raio de sol caiu em minha vida: olhai dentro de mim, olhei para fora — nunca vi tantas e tão boas coisas de uma só vez. Não foi em vão que sepultei hoje o meu quadragésimo quarto ano; eu podia MUITO BEM sepultá-lo: o que havia nele de Vida se conserva, é imortal...

O primeiro livro da *Transmutação dos Valores*, o *Os Cantos de Zaratrusta*, o *Crepúsculo dos Ídolos*, a minha tentativa de fazer filosofia a golpes de malho — tudo isso como dádiva deste ano, especialmente desses últimos três meses!

— *Como eu poderia deixar de agradecer a toda a minha vida?*

É por isso que narro a mim mesmo a história da minha vida.

is my dear friend
Caroline my dear
the proof
which the other
whole of I am
not of which
you